

## Pacote das lembranças

---

Newton Reginato\*

Minha mulher quando lê as crônicas que escrevo – e ela sempre o faz depois que foram levadas ao público – sorri e me chama de “saudosista”. O que posso fazer? Contando – como conto – com setenta anos redondos bem vividos, tenho muitas histórias para contar, e, tendo-as, conto-as; afinal, como diz Machado de Assis no seu “Dom Casmurro”: ... a saudade é isso mesmo, é o passar e repassar das memórias antigas, e muitas tenho.

No dia a dia é natural não nos importarmos muito com situações corriqueiras, aquelas normais, convencionais, absorvíveis pela rotina em razão da sua mesmice, tal como a entrada e a saída de alunos das escolas com seus pais os levando, antes, e os apanhando, depois, das horas letivas diárias, por ser uma conduta comum; mas, em um dia qualquer, essa movimentação pode despertar a atenção do observador por um motivo qualquer, e, isso ocorrendo, fazê-lo voltar no tempo. Foi o que aconteceu comigo.

O ano letivo – pelo menos na escola onde estudei desde os meus primeiros anos – começava no primeiro dia do mês de março com matrícula e rematrícula a partir da última quinzena do mês anterior. Num e noutro caso, além da entrega da “caderneta escolar”, uma lista de materiais didáticos era entregue a um dos pais, geralmente às mães, para aquisição, e na rua da minha escola existiam duas papelarias concorrentes, sediadas em esquinas opostas: a “Papelaria Garoto” e a “Papelaria Longo”, que, tempos depois, mudou o seu nome comercial para “Livro-Disco”. Minha mãe sempre preferiu comprar na primeira.

Interessantes eram aquelas listas de materiais do segundo até o quarto ano primário (sistema da época que não se confunde com o atual “ensino fundamental”), que nem de longe se comparavam com as de hoje quanto ao essencial: uma caneta-tinteiro, um vidro de tinta azul-turquesa indelével, mata-borrões, lápis preto número “2” (nada de lápis com tabuadas ou bandeirinhas), um apontador, uma borracha, uma caixa de lápis de cor (as doze tradicionais), uma régua de 30 cm, meia dúzia de cadernos brochura de pauta simples (do segundo ano em diante) e, dentre esses, um quadriculado para “aritmética” e um de desenho, folhas de papel-manteiga para encapá-los, etiquetas (nada adesivas) para individualizá-los por matéria, um vidro de goma arábica (cola), um “Desenhocop” (hoje inexistente) para reprodução de gravuras, decalcomanias e outras miudezas mais conforme as exigências do ano escolar, além da cartilha “Caminho Suave” (ano letivo específico) e livretos (também brochuras) de História e Geografia do Brasil, Ciências (rudimentos) e de Tabuadas fornecidos pela escola, arsenal didático esse, pró inteligência infantil, que era acomodado numa pasta de couro de fecho único (não se cogitava em mochilas naquela época), enorme para a estatura do pequeno estudante, uma espécie, digamos, de “maleta de caixeiro viajante”. A minha, bem me recordo, era de couro marrom tradicional, que deixava (e deixou) o meu ombro esquerdo penso, sequela que trago até hoje (vamos colocar a culpa na dita “mala escolar”).

Mas, o que mais me atraía, era o cheiro desse material escolar todo, novinho em folha, uma mistura dos odores de tinta, madeira, borracha, plástico, cola e bolacha quase mofada do papel de embrulho, enfim, aquele “cheirinho de papelaria”.

Dias atrás adentrei uma com os meus sentidos atentos. O visual mostrou-se diferente, o cheiro do ambiente apresentou-se diferente, e o atendimento, também, foi diferente. Toda elegância de uma verdadeira papelaria nela não existia. Foi quando me lembrei da “Papelaria Garoto”, do Sr. Victor (proprietário) todo engravatado, atendendo clientes fazendo comparativos entre os lápis pretos – ou os de cor – e as lapiseiras, entre as canetas “Parker”, “Pilot”, “Sheaffer”, “Compactor”, “Johann Faber” e seus tinteiros, bem como sobre os melhores papéis para com elas se escrever.

Saí pensativo após ser atendido por uma jovem, lá com os seus dezessete ou dezoito anos se tanto, enfeitada com piercings, encafuada num agasalho desportivo negro desengonçado, calçada com um par de botinas táticas, que mal sabia a diferença entre um papel cartão e uma cartolina, e fui tomar um café ao lado da referida papelaria. E o café, à mim servido, também não tinha o mesmo gosto, nem o mesmo aroma, daquele da padaria “Luso Balneária”, vizinha da “Papelaria Longo” (a concorrente da “Garoto”).

Era um café de coador, morno igual ao de repartição pública, com um gosto de cabo de guarda-chuva sugestivo da sensação retro olfativa de tina vazia de azeitonas pretas na boca e no nariz. Abandonei a xícara após o primeiro gole, paguei e saí – meio sorrindo – conformado. Afinal, as cafeterias, as padarias, as tabacarias, as papelarias e os seus artigos, as pessoas e as suas atenções, não são mais as mesmas: faltam-lhes os “odores da elegância” e os coloridos singelos, ao mesmo tempo complexos, da boa educação e do bom gosto, e aquelas lembradas..., bem..., tornaram-se as últimas “bolachas”, passadas e esquecidas, do pacote das lembranças. Fazer o quê?